

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Isto é Senhor*

Class.: 672

Data: 09.01.91

Pg.: _____

AMBIENTE

Desespero fatal

Os índios kaiowá continuam promovendo seu auto-extermínio e a Funai nada faz

No primeiro dia do ano de 1991, o índio Nilson Veras, de 18 anos, foi encontrado morto, por enforcamento, no galho de uma mangueira na reserva de Dourados, no Mato Grosso do Sul. O suicídio de Nilson Veras escreve mais uma página no drama dos kaiowá, um subgrupo da tribo guarani, que vive sufocado numa área de três mil hectares, limítrofe ao perímetro urbano de Dourados, município de 150 mil habitantes localizado a 200 quilômetros da capital, Campo Grande. Não se trata de um caso isolado, conforme relatou *Isto é Senhor* na sua edição de 24 de outubro de 1990. O

suicídio entre os kaiowá passou a ser uma prática rotineira, interpretada por antropólogos como uma reação ao massacre cultural a que estão submetidos desde o início do século. As precárias condições de vida e a perda de seus referenciais culturais e religiosos estão provocando, dizem os antropólogos, uma espécie de angústia, depressão, entre os índios. O suicídio seria a reação à falta de perspectiva. Somente na última semana do ano passado, outros cinco kaiowá, entre 14 e 18 anos, se mataram na reserva de Dourados. Todos usando o mesmo método: o enforcamento.

No ano passado, os suicídios assumiram números assustadores. Os dados não são muito precisos, mas pelo menos 26 suicídios ocorreram ao longo de 1990. As tentativas fracassadas superaram este número. Em 1989, 42 suicídios foram registrados. As causas imediatas são facilmente identificáveis. O fim de um namoro, a briga com um familiar, tudo pode ser motivo para levar um kaiowá ao suicídio. Do ponto de vista estrito da cultura kaiowá tem sido um desafio desvendar como se dá o ato de suicídio. A psicóloga Maria Aparecida Costa Pereira, que está concluindo uma

pesquisa na reserva, acha que o suicídio é uma forma de manifestação contra o estado em que vivem. "Eles se matam para não morrer", diz a psicóloga. Os caciques, quando indagados sobre a causa, afirmam vagamente que os suicidas "estavam cansados e tristes". A morte seria apenas a passagem para uma outra forma de vida. É difícil imaginar uma solução para o drama kaiowá. A região de Dourados está toda explorada e ocupada por pecuaristas. A Funai até o momento não tem sequer uma proposta para, no mínimo, deter o processo de auto-extermínio entre os índios. não são suficientes para alimentar as famílias. Aplicando práticas de cultivo rudimentares, sem qualquer amparo técnico, estas pequenas lavouras em torno das casas representam muito mais um traço da cultura dos kaiowá do que uma garantia de alimentação regular. A superpopulação há muito afastou a pesca e caça como alternativa alimentar. Sem condições de sobrevivência dentro de reserva, os índios são recrutados facilmente para o corte de cana em diversas destilarias de álcool na região de Dourados. Recebem menos de um salário mínimo e ficam 60 dias em alojamentos improvisados cobertos de plástico. O distanciamento da família agrava o problema de desagregação dentro da aldeia. O retorno, sem dinheiro suficiente para uma boa compra de alimentos e roupas nos mercados vizinhos, às vezes é traumático. Muitos trazem vícios incorporados no convívio com os brancos na lavoura de cana. Não raro, o alcoolismo começa numa dessas frentes de trabalho nos canaviais.

Comprar bebida, cuja venda é proibida dentro da aldeia, não constitui qualquer dificuldade. Afinal, a entrada da aldeia pode ser considerada a extensão de uma rua de Dourados. A bebida é uma das causas apontadas pelos próprios indígenas para o suicídio de tantos kaiowá, mas os dados pesquisados pela psicóloga Maria Aparecida Costa Pereira não conferem com essa versão. São poucos os casos de suicídio entre pessoas que bebiam. A professora Marina



Indígenas em uma comunidade indígena.



Nilson Veras, 18 anos, encontrado morto por enforcamento no galho de uma mangueira na reserva de Dourados, Mato Grosso do Sul.

Morte e vida kaiowá

Índios se suicidam em protesto contra a miséria

Do dia 8 de outubro, uma terça-feira, o índio Nilson Veras, de 18 anos, veio para casa. Ele estava morto, foi encontrado no galho de uma mangueira, sufocado. Como sempre acontece aqui, os indígenas não sabem o que aconteceu com ele. Foi o 14º indígena que morreu na reserva de Dourados, em Mato Grosso do Sul. O último foi o índio Nilson Veras, em 1990. Desde então, outros cinco indígenas se mataram na reserva de Dourados. Todos usando o mesmo método: o enforcamento. Somente na última semana do ano passado, outros cinco kaiowá, entre 14 e 18 anos, se mataram na reserva de Dourados. Todos usando o mesmo método: o enforcamento. Os dados não são muito precisos, mas pelo menos 26 suicídios ocorreram ao longo de 1990. As tentativas fracassadas superaram este número. Em 1989, 42 suicídios foram registrados. As causas imediatas são facilmente identificáveis. O fim de um namoro, a briga com um familiar, tudo pode ser motivo para levar um kaiowá ao suicídio. Do ponto de vista estrito da cultura kaiowá tem sido um desafio desvendar como se dá o ato de suicídio. A psicóloga Maria Aparecida Costa Pereira, que está concluindo uma

Alerta inútil

Reprodução de reportagem de Isto é Senhor que revelou a reação dos índios ao massacre cultural

"Eles sofrem de depressão", resumiu o presidente do órgão, Cantídio Guerreiro, ao saber da mais recente onda de suicídios. Preocupado em retocar a imagem negativa do País no trato da questão indígena, o governo Collor centrou suas atenções nos ianomami, em Roraima. Num espetáculo pirotécnico, detonou com bombas de dinamite os campos de pouso que serviam aos garimpos de ouro existentes nas reservas indígenas, fornecendo farto material para o registro fotográfico da imprensa nacional e, principalmente, estrangeira. Foguetórios à parte, continua não existindo política global para a questão indígena. A situação dos kaiowá é exemplar sob esse aspecto. A delegacia da Funai em Dourados confessa não dispor de meios para assistir os quatro mil índios em estado de miséria. Quem visita a reserva percebe que as pequenas plantações de milho e mandioca

Alerta inútil

Reprodução de reportagem de Isto é Senhor que revelou a reação dos índios ao massacre cultural

As pequenas plantações de milho e mandioca não são suficientes para alimentar as famílias. Aplicando práticas de cultivo rudimentares, sem qualquer amparo técnico, estas pequenas lavouras em torno das casas representam muito mais um traço da cultura dos kaiowá do que uma garantia de alimentação regular. A superpopulação há muito afastou a pesca e caça como alternativa alimentar. Sem condições de sobrevivência dentro de reserva, os índios são recrutados facilmente para o corte de cana em diversas destilarias de álcool na região de Dourados. Recebem menos de um salário mínimo e ficam 60 dias em alojamentos improvisados cobertos de plástico. O distanciamento da família agrava o problema de desagregação dentro da aldeia. O retorno, sem dinheiro suficiente para uma boa compra de alimentos e roupas nos mercados vizinhos, às vezes é traumático. Muitos trazem vícios incorporados no convívio com os brancos na lavoura de cana. Não raro, o alcoolismo começa numa dessas frentes de trabalho nos canaviais.

Alerta inútil

Reprodução de reportagem de Isto é Senhor que revelou a reação dos índios ao massacre cultural

Comprar bebida, cuja venda é proibida dentro da aldeia, não constitui qualquer dificuldade. Afinal, a entrada da aldeia pode ser considerada a extensão de uma rua de Dourados. A bebida é uma das causas apontadas pelos próprios indígenas para o suicídio de tantos kaiowá, mas os dados pesquisados pela psicóloga Maria Aparecida Costa Pereira não conferem com essa versão. São poucos os casos de suicídio entre pessoas que bebiam. A professora Marina

Wenceslau, do Centro Universitário de Dourados, que há alguns anos coleta informações sobre o suicídio dos kaiowá, acha que o álcool é muito mais um sintoma da desagregação cultural do que o detonador do processo de auto-extermínio. Para a professora Marina, a interferência direta e constante do branco é que atinge a vida dos kaiowá. Se a Funai não tem qualquer proposta para resolver o problema, sobram as ações de seitas religiosas atuando dentro da aldeia e em suas proximidades. Na edição de 24 de outubro *Isto é Senhor* já relatava a sucessão de suicídios e mostrava que dentro da aldeia atuavam cinco seitas religiosas. Todas elas, num massacrante processo de catequese, procuram apagar os vestígios de cultura kaiowá. Recuperar os valores culturais e religiosos, segundo aponta um estudo da psicóloga Maria Aparecida, seria o caminho da salvação dos kaiowá.